

CARREIRAS



EMPREENDEDORISMO

Múltiplas funções

Professor da Unicamp também é sócio de empresa de biotecnologia

O diretor científico e um dos sócios-fundadores da GranBio, empresa que inaugurou a primeira usina comercial de etanol de segunda geração do país, utilizando a palha da cana, é também professor do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), além de ter duas fazendas de cacau na Bahia, onde em uma delas fez experimentos científicos. Gonçalves Amarante Guimarães Pereira diz que essa trajetória não tradicional tem inspiração em seu pai, um comerciante na capital baiana. “Era um pequeno empresário que, mesmo sem o ensino fundamental completo, tinha uma visão de criar riqueza e valor”, diz Pereira. O pesquisador fez engenharia agrônoma na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, ao longo da carreira acadêmica, focou os estudos em organismos comerciais. Desde o ensino médio flertava com

a genética, área em que fez mestrado, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo, e doutorado na Universidade de Düsseldorf, na Alemanha.

Em 1997, foi contratado pela Unicamp, passou a coordenar o Laboratório de Genômica e Expressão e a integrar o projeto Genoma *Xylella fastidiosa*, bactéria que provoca doença em citros. “Foi uma revolução, começamos a trabalhar não com um gene, mas com um conjunto deles”, diz Pereira. Em 2000, por meio de um amigo, soube da vassoura-de-bruxa, uma doença fúngica que atingia de forma severa a região cacaua da Bahia. Resolveu estudar o assunto e, ao conhecer o sul da Bahia, se interessou em comprar uma fazenda de cacau. “Vendi tudo o que eu tinha, meu casamento quase acabou, mas comprei”, diz Pereira. Ele liderou uma rede de

pesquisadores e produtores de cacau para vencer o fungo da vassoura de bruxa e usou a própria propriedade para experimentação. Em um artigo científico mostrou as bases bioquímicas da doença e começou a montar um plano de manejo quando um produtor, Edvaldo Sampaio, desenvolveu uma forma de antecipar a poda e outros procedimentos (ver em Pesquisa FAPESP nº 128). A produção de cacau melhorou e Pereira resolveu comprar outra fazenda.



Gonçalo: ter tempo significa zero de burocracia

Gonçalo Pereira também trabalhou no estudo de doenças do eucalipto, café e desenvolvimento de leveduras. Mas foi na liderança de um projeto com a Braskem, dentro do Programa de Apoio à Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica (Pite) da FAPESP, que ele sentiu a força das possibilidades em trabalhar diretamente com a iniciativa privada. Também ocorreu um reencontro. O presidente da empresa naquele momento era Bernardo Gradin, que havia sido seu colega no tempo do serviço militar na Bahia. O executivo, que é acionista do grupo Odebrecht, depois de sair da Braskem, procurou Pereira para conversar sobre biotecnologia e etanol de segunda geração. “Eu, Gradin e o Alan Hiltner [hoje vice-presidente de novos negócios da GranBio] nos reunimos e tracei um plano de como a futura empresa deveria agir no campo científico para atender seus objetivos”, diz Pereira, que foi convidado para ser sócio do empreendimento. “Foi um bom entendimento de cientista e empreendedores sentados lado a lado.” Além de cientista-chefe da empresa, Gonçalo ainda dirige a BioCelere, uma subsidiária que funciona como o centro de pesquisa em biologia sintética da GranBio. Aliado a essas responsabilidades, apenas na BioCelere comanda 23 pessoas, Pereira orienta atualmente 14 doutorandos e 7 mestrados. Mas, como fazer para conciliar o tempo? “É muito simples, o mais importante é zero de burocracia. É preciso ter um gestor especialista nessa área, e só ter alunos excelentes que tenham a ambição de mudar o mundo”, diz. “Outra coisa, cientista não pode se envolver com finanças, não é a área dele.” ■ Marcos de Oliveira

TENDÊNCIA

Caminho profissional

Jovens pesquisadores preferem carreira acadêmica a mercado



As entrevistas feitas pela analista de empreendedorismo Nathalia Dayrell Andrade na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para a sua dissertação de mestrado “A universidade empreendedora no Brasil: uma análise das expectativas de carreira de jovens pesquisadores”, sugerem, a partir de uma amostra limitada, que a maioria dos doutorandos e pós-doutorandos não está interessada em criar a sua própria empresa e prefere dar sequência a uma trajetória acadêmica tradicional, como docente ou pesquisador. Em seu estudo de mestrado, desenvolvido no Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da universidade e defendido no ano passado, Nathalia investigou como o empreendedorismo acadêmico – que se apresenta como uma possível alternativa de carreira para recém-doutores – influencia a formação e a escolha profissional dos jovens pesquisadores.

Para o estudo de caso foram selecionados cinco grupos de pesquisa das áreas de biologia, física, tecnologia da informação (dois grupos) e biotecnologia.

Foram entrevistados os 5 coordenadores dos grupos e 12 doutorandos e pós-doutorandos que trabalhavam em projetos colaborativos. Eles foram escolhidos pelo histórico de colaboração com a indústria ou de formação de empresas de base tecnológica.

O projeto teve como base um estudo anterior feito pelo seu orientador, professor André Luiz Sica de Campos, que trabalha na relação entre universidade e setor industrial há mais de 15 anos, desde o seu doutorado na Universidade de Sussex, na Inglaterra. “Lá, eles concluíram que os pesquisadores envolvidos em projetos colaborativos ampliavam sua perspectiva de carreira”, relata Nathalia. “Muitos deles conseguiam ter uma carreira híbrida ao desenvolver projetos da empresa dentro da universidade ou com a criação de suas próprias empresas.”

Ela ressalta que tanto na Europa como nos Estados Unidos existe uma saturação do mercado de trabalho acadêmico e por isso os jovens pesquisadores buscam o empreendedorismo como via alternativa. “No Brasil, como o ensino superior está em um momento de expansão, os doutores recém-formados estão mais interessados em continuar em uma carreira de pesquisa.” A pesquisadora ressalta também que a baixa demanda das empresas por pesquisas contribui para essa escolha. Ela cita como exemplo a entrevista feita com uma *start-up* que desenvolveu uma tecnologia que interessou a uma multinacional do setor aeroespacial dos Estados Unidos, mas que no Brasil não despertou atenção. ■ Dinorah Ereno